

# Mulheres artistas para crianças: experiências em oficinas de arte no Projeto Casa Azul

Women artists for children: experiences  
in art workshops at the Casa Azul  
Project

Mujeres artistas para niños:  
experiencias en talleres de arte en el  
Proyecto Casa Azul

**Ally Collaço<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Pesquisadora e entusiasta nas aproximações entre arte, cinema, educação e infância. Oficineira de Cinema há 15 anos. Universidade Federal de Santa Catarina Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação UFSC Florianópolis | SC | Brasil. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3863494606963975> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9144-4915>. E-mail: [ally.collaco@gmail.com](mailto:ally.collaco@gmail.com).

**RESUMO**

Neste relato de experiência, adota-se uma perspectiva feminista e arte-educativa, segundo bell hooks, Gerda Lerner e Ana Mae Barbosa, com um olhar voltado à infância, seguindo o princípio de equidade dos movimentos feministas, apresentando mulheres artistas, como Eli Heil, Frida Kahlo, Georgia O’Keeffe, Yayoi Kusama, Tarsila do Amaral, Agnés Thurnauer, Larissa Abi-Zaid e Shamsia Hassani, através de diferentes abordagens em oficinas de arte, no Projeto Casa Azul, um projeto autônomo, realizado entre 2021.2 e 2023.1, para crianças com idade entre 4 e 8 anos. Ao apresentar diferentes técnicas, nomes e experiências, ampliamos o imaginário da criança sobre a presença de mulheres na história da arte e da humanidade, além de estimular o protagonismo de meninas em suas criações, a partir de referências com as quais se identifiquem.

**PALAVRAS-CHAVE**

Arte-Educação; Feminismos; Infância; Mulheres Artistas.

**ABSTRACT**

In this experience report, a feminist and art-educational perspective is adopted, according to bell hooks, Gerda Lerner and Ana Mae Barbosa, with a focus on childhood, following the principle of equity of feminist movements, presenting women artists, such as Eli Heil, Frida Kahlo, Georgia O’Keeffe, Yayoi Kusama, Tarsila do Amaral, Agnés Thurnauer, Larissa Abi-Zaid and Shamsia Hassani, through different approaches in art workshops, in the Casa Azul Project, an autonomous project, carried out between 2021.2 and 2023.1, for children aged between 4 and 8 years old. By presenting different techniques, names and experiences, we expand children’s imagination about the presence of women in the history of art and humanity, in addition to encouraging girls to take a leading role in their creations, based on references with which they identify.

**KEY-WORDS**

Art-Education; Feminisms; Infancy; Women Artists.

## **RESUMEN**

En este relato de experiencia se adopta una perspectiva feminista y arte-educativa, según Bell Hooks, Gerda Lerner y Ana Mae Barbosa, con un enfoque en la infancia, siguiendo el principio de equidad de los movimientos feministas, presentando a mujeres artistas, como Eli Heil. , Frida Kahlo, Georgia O'Keeffe, Yayoi Kusama, Tarsila do Amaral, Agnés Thurnauer, Larissa Abi-Zaid y Shamsia Hassani, a través de diferentes enfoques en talleres de arte, en el Proyecto Casa Azul, un proyecto autónomo, realizado entre 2021.2 y 2023.1 , para niños de entre 4 y 8 años. Al presentar diferentes técnicas, nombres y experiencias, ampliamos el imaginario de los niños sobre la presencia de la mujer en la historia del arte y de la humanidad, además de animar a las niñas a tomar un papel protagonista en sus creaciones, a partir de referentes con los que se identifiquen.

## **PALABRAS-CLAVE**

Educación artística; feminismos; Infancia; Mujeres artistas.

## Mulheres artistas para crianças: experiências em oficinas de arte no Projeto Casa Azul<sup>2</sup>

Por Ally Collaço



Fig.1. Imagem do acervo pessoal desenho da Casa Azul feito pela minha filha Amélie

<sup>2</sup> Para conhecer um pouco do projeto Casa Azul, recomenda-se este vídeo: <https://www.instagram.com/p/Cwn50vKAKXo/> e este: <https://www.instagram.com/reel/CmiG9biqXd6/>

[CASA AZUL] Esse lugar tem uma magia. Nunca sei se é só da casa ou é também por causa de quem mora nela. Azul como a casa da Frida Kahlo, veja só. Mudamos para esta casa durante a pandemia, e permanecemos nela por causa desse jardim. Esse sol, esse verde, esse som de natureza no meio da cidade. Que privilégio! É algo pelo qual vale a pena lutar e ficar!

Um jardim tão grande que não poderia ficar só para a gente. Abrimos para receber. E nos alegamos em ouvir risos, gritinhos, conversas e brincadeiras. Estamos sempre pensando “como o jardim pode ficar mais brincante?” e nosso projeto nos ajuda a devolver para o jardim, o investimento que recebemos nas oficinas.

De família para famílias.

De famílias para família.

Tem que ter o tempo de brincar. Livres com tempo livre. Pode se sujar. Pode explorar. E talvez por serem tão crianças aqui, não queiram partir... é difícil. O tempo fica suspenso, a brincadeira fica gostosa, a oficina é só um convite que eles sempre topam experimentar ao som de um trem chamando... piuiiiii....

Cada semana é uma oficina diferente, para que tenham a chance de experimentar de tudo... e tivemos crianças ampliando o paladar com a culinária, pedindo caixinha de costura e costurando em casa com a moda, levando joguinhos feitos aqui para brincar com os amigos na escola, usando roupas que customizaram, exibindo suas criações com orgulho... feitas de tinta, papel, tecido, lápis, reciclados...

A Casa Azul cria memórias. daquelas que marcarão a infância com alegria. Memórias com sons, cheiros, gostos, texturas e imagens... Um lugar de primeiras vezes...

Obrigada por cada pessoa que nos ajuda a tornar este lugar mágico. Nesse terceiro ano, com o projeto ainda tímido, pequeno e privado, mas com o respeito e o acolhimento que as crianças merecem. Poucas para receberem toda a atenção e carinho que precisam. E em passinhos de formiga, seguimos... acreditando, sonhando e realizando!”<sup>3</sup>

Você conseguiria listar 5 mulheres artistas com facilidade?

E se eu pedir para você citar 5 mulheres, sem ser a Frida Kahlo, a mais conhecida, e sem serem artistas brasileiras como Tarsila do Amaral, Lygia Clark e Anita Malfatti? Você conseguiria?

Neste relato de experiência, adota-se uma perspectiva feminista e arte-educativa, segundo bell hooks, Gerda Lerner e Ana Mae Barbosa, com um olhar voltado à infância, seguindo o princípio de equidade dos movimentos feministas, apresentando mulheres artistas, como Eli Heil, Frida Kahlo, Georgia O’Keeffe, Yayoi Kusama, Tarsila do Amaral, Shamsia Hassani, Agnés Thurnauer e Larissa Abi-Zaid, através de diferentes abordagens em oficinas de arte, no Projeto Casa Azul, um projeto autônomo, realizado entre 2021.2 e 2023.1, para crianças com idade entre 4 e 8 anos.

Ao apresentar diferentes técnicas, nomes e experiências, ampliamos o imaginário

---

3 Texto originalmente postado no instagram: <https://www.instagram.com/p/CtrD2xSgtC0/>

da criança sobre a presença de mulheres na história da arte e da humanidade, além de estimular o protagonismo de meninas em suas criações, a partir de referências com as quais se identifiquem.

Gerda Lerner defende a importância do enaltecimento de mulheres na formação de outras mulheres para criação de uma autoestima, pois “a História das Mulheres é indispensável e essencial para a emancipação das mulheres.” (2019, p. 27), ela afirma que a negação das mulheres à própria história reforça sua aceitação à ideologia do patriarcado e destrói a autoestima individual da mulher.

bell hooks também defende a necessidade de “uma educação feminista de base para a consciência crítica” (2020, p. 161) e é também responsável por ser uma das vozes que dissemina o feminismo interseccional, que considere gênero, mas também raça e classe. A autora ainda afirma que “a literatura infantil é um dos locais cruciais para a educação feminista, para a conscientização crítica, exatamente porque crenças e identidades ainda estão sendo formadas.” (2020, p. 46) Acrescento que não só a literatura, mas quaisquer produtos culturais voltados à infância, incluídas as artes visuais.

A autora Ana Mae Barbosa (2019, p. 14) aponta sobre a “ausência de textos, pesquisas, estudos sobre a participação da mulher na sociedade”, que continua a desconsiderar sua “importância intelectual”, assim urge a necessidade de enfatizarmos mulheres artistas para as crianças, para que a presença delas se naturalize nas formações e imaginários construídos, e suas ausências sejam questionadas, quando não estiverem sendo consideradas.

Usaremos as postagens<sup>4</sup> feitas no perfil do Instagram do Projeto Casa Azul<sup>5</sup>, para expor como as oficinas aconteceram, quais escolhas foram feitas, e as reações das crianças em cada experiência. Esta estratégia carrega o frescor dos registros pedagógicos realizados no tempo em que as atividades se realizaram, acompanhados de imagens que não identificam as crianças, mas mostram um pouco do que fizemos em cada uma das oficinas.

No projeto ofertamos oficinas variadas, de cinema, fotografia, literatura, moda, culinária, mas escolhemos mostrar aqui apenas as que aconteceram entre 2021 e 2023, com crianças entre 4 e 8 anos, com maioria de meninas, e que se inspiraram em mulheres artistas, no amplo campo das artes visuais. Os encontros aconteceram com cerca de 1 hora de duração, e sempre começavam com uma conversa com as crianças, a apresentação da artista escolhida e algumas de suas obras que iriam nos inspirar, e a oferta de materiais para produção de suas criações.

Usamos espelhos, elementos naturais, colagens e desenhos nos auto-retratos, inspirados na mexicana Frida Kahlo; exploramos a aquarela e a observação de flores, inspirados na artista estado-unidense, Georgia O’Keeffe; pintamos ovos de múltiplas cores em guache, com a catarinense Eli Heil como inspiração; grafitamos uma parede, utilizando spray de cabelo, com a afegã Shamsia Hassani como referência; criamos

---

4 Por esta razão, o texto usará uma fonte diferenciada, acompanhando uma estética de diário de anotações.

5 Ver aqui: <https://www.instagram.com/projeto.casa.azul/>

telas com figuras geométricas de papel, diversas e coloridas, a partir das obras da artista brasileira Tarsila do Amaral; estampamos peças de roupa com inúmeras bolinhas, além de usar adesivos para compor imagens, com a princesa das bolinhas, a japonesa Yayoi Kusama, em nosso pensamento. E criamos imagens articuladas com palavras, inspirados na francesa Agnés Thurnauer e na artista blumenauense Larissa Abi-Zaid.

Como chegamos nestas artistas? Na coleção de livros *Histórias de ninar para garotas rebeldes – volumes 1 e 2, além do volume 3 – Mulheres imigrantes*, voltados às leitoras infanto-juvenis, das autoras italianas Elena Favilli e Francesca Cavallo, do projeto *Rebel Girls*<sup>6</sup>, são apresentadas em cada um dos livros, 100 minibiografias de mulheres inovadoras em todo o mundo, e entre elas, artistas das quais nunca ouvi falar como Georgia O’Keeffe, Yayoi Kusama e Shamsia Hassani.

Quando li estas histórias pela primeira vez para minha filha, fiquei impressionada com o fato de nunca ter ouvido falar sobre estas artistas e tantas outras mulheres realizadoras. E por que eu nunca ouvi falar? E se nunca ouvi falar, como as crianças iriam conhecê-las, sem um esforço de aproximação? Aos poucos, fui pesquisando na internet sobre algumas dessas artistas, encontrando outros nomes em viagens recentes e visitas aos museus de arte, e pensando em como poderia desenvolver técnicas, experimentar materiais e proporcionar experiências artísticas em que estas mulheres, tão talentosas e pouco conhecidas, fossem nossa inspiração.

Num primeiro momento, não encontrei material teórico ou livros didáticos em português que pudessem me ajudar a pensar em práticas artísticas. Importei alguns livros infantis em outros idiomas e utilizei tags com seus nomes no Instagram para rastrear experiências possíveis, e resolvi experimentar por conta própria as ideias que desenvolvi no projeto, e ao trazer este relato aqui, proponho uma conversa reflexiva e apresento possibilidades de iniciação artística.

Não sou formada em artes visuais, mas sim em cinema, porém sou mãe e uma professora experiente com crianças. Meu desejo no projeto era proporcionar uma formação diferenciada para minha filha, e para as demais crianças participantes, uma vez que não encontrei oficinas em qualquer outro espaço de práticas artísticas, voltado à infância, que utilizasse mulheres como inspiração.

Como sou professora de cinema há 15 anos, estou acostumada a trabalhar numa perspectiva mídia-educativa e artística do cinema, a qual defendi em meu Mestrado<sup>7</sup> em Educação, concluído em 2012, perspectiva esta que promove uma aprendizagem através do fazer, a mesma que Dewey defende. Em sua hipótese cinema, Alain Bergala (2008), uma das referências da minha pesquisa e prática docente, defende que não é possível ensinar arte, como não é possível ensinar cinema. Podemos promover uma iniciação através da experiência do fazer. Se colocar no lugar do cineasta, se colocar no lugar do artista, e produzir obras com condições similares.

---

6 Disponível em: <https://www.rebelgirls.com/>

7 Ver: SILVA, Alessandra Collaço da. Arte, mídia e cinema na escola: um ensinar que (me) ensina! 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

Bergala (2008, p. 64) diz que o gosto pessoal do professor e sua relação íntima com as obras de arte é de extrema relevância, fazendo o professor se tornar então um passador, um mediador da experiência promovida, levando seu repertório apaixonado para a sala de aula, ou neste caso, para as oficinas que ministra.

Monica Terra (2022) renova o conceito de experiência de Dewey para falar da importância da experiência concreta para construção do conhecimento, pois “é a interação entre o indivíduo e o ambiente que define a experiência, o encontro entre as intenções e as capacidades pessoais com as condições necessárias oferecidas pelo ambiente” (Terra, Monica, 2022, p. 41)

Se Georgia O’Keeffe pintava sobre o interior das flores, pensei que convidar as crianças para observá-las de perto e tentar traduzir no papel com aquarela seria uma forma de iniciá-las à obra da pintora. Se Yayoi Kusama utilizava bolinhas para compor imagens, a ideia foi convidar nossa turma para compor com bolinhas também. Se Tarsila do Amaral criava obras com formas geométricas, convidamos as crianças a compor imagens com formas similares também. Assim, como veremos nos relatos a seguir, fui tecendo convites às práticas artísticas e promovendo iniciações das crianças ao trabalho das artistas, de forma quase intuitiva. Um grande laboratório de experimentações e descobertas.

Foram muitos aprendizados através do fazer, como defende Ana Mae Barbosa, também leitora de Dewey, e o enaltecimento da experiência como forma de acessar à arte. Esperamos que a partilha inspire outros educadores a aproximar mulheres das crianças na educação básica.

Gerda Lerner (2019) diz que para superar a lógica de pensamento patriarcal, colonial e capitalista, seria preciso desenvolver uma nova forma de pensar. Para que esse movimento aconteça, ela sugere que se comece lendo mulheres, conhecendo mulheres pensadoras, artistas e ativistas, enaltecendo-as, porém, sem deixar de exercer a autocrítica, uma vez que nosso pensamento se formou pela lógica da dominação. Assim, o fato de apresentar mulheres artistas para crianças, é em si uma prática feminista, uma vez que esta escolha proporciona uma formação, já na infância, com referências de artistas mulheres que não constam no senso comum e na formação básica.

Ana Mae Barbosa (2019, p. 426) diz que “uma mulher que se diga feminista não tem o direito de escrever só sobre artistas homens. Temos a obrigação social de lutar por visibilidade da produção artística de alta qualidade de outras mulheres.” O movimento de conhecer mulheres artistas, promover experiências e experimentações a partir delas, é em si, uma prática feminista, uma vez que a construção da História da Arte é voltada aos artistas homens. A autora ainda diz que “o que importa é lutar contra a violência social, institucional e física que as mulheres sofrem e reescrever a História da Arte que eliminou quase metade dos seres humanos deste planeta, a metade feminina.” (Barbosa, Ana Mae, 2019, p. 430)

As oficinas descritas abaixo foram experimentações nas quais não há um aporte teórico específico, porque não o encontrei. Pesquisei sobre a artista escolhida na internet, li um pouco sobre sua vida, suas dificuldades, observei suas obras,



busquei características comuns nelas e ousei destacá-las para as crianças, usando estas características como inspiração para nossas práticas: bolinhas, flores, letras, formas geométricas, ovo, Graffiti. O aprendizado se deu pela expressão, cultivo da individualidade, atividade livre, ou seja, “o aprender pela experiência de vida”. (Barbosa, Ana Mae, 2019, p. 51) Eu aprendi, e espero que as crianças tenham aprendido algo também.

Ao final de 2023, quando perguntei para as crianças se elas conseguiriam me citar 5 mulheres artistas, com facilidade, elas citaram mais de cinco, justamente os nomes daquelas mulheres que trabalhamos em nossas oficinas.

Quando se trabalha com crianças tão pequenas, não há como saber o que de fato incorporaram das práticas, pois ainda estão desenvolvendo a linguagem, a compreensão de si mesmas e a relação com o outro. O que sabemos é que elas vivenciaram experiências artísticas, expressando-se com diferentes materiais, texturas e suportes, e ouviram histórias sobre mulheres artistas e visualizaram algumas de suas obras. Na educação, não há garantias, apenas apostas. E foi isso que fizemos: apostamos!

**Diário de anotações<sup>8</sup>**  
**AGNÉS THURNAUER (FRANÇA)<sup>9</sup> E LARISSA ABI-ZAID (BRASIL)<sup>10</sup>**  
**19 DE JULHO DE 2023**

*As palavras podem ser elementos numa tela de arte?*

As artistas Agnès Thurnauer (França) e Larissa Abi-Zaid (Brasil) nos inspiraram a criar imagens com a mescla de palavras. Experimentamos carimbos, silhuetas, tinta spray, giz em gel, pastel, canetinha. A turma explorou cores, recortes, tamanhos e formas. Letra de forma, lettering, cursiva, iniciais, nomes...



Fig. 2 e 3. Imagens do acervo pessoal

8 Textos de postagens originalmente escritas no perfil @projeto.casa.azul do Instagram como estratégia de registro pedagógico e divulgação das oficinas, para inspirar famílias e outros educadores e educadoras em suas práticas. Todos sofreram alterações para a escrita deste artigo.

9 Para conhecer a artista AGNÉS THURNAUER: <https://agnesthurnauer.net/>

10 Para conhecer a artista LARISSA ABI-ZAID: [www.instagram.com/vjlinien/](http://www.instagram.com/vjlinien/)

Foi divertido ver como cada criança experimentava a proposta e os materiais disponíveis. 1, 2, 3 ou mais tentativas. Não é o produto que mais importa e sim o processo, a experiência, a tentativa...

"Vocês já tinham usado palavras como elemento principal no desenho?" "Nãooooo..."  
E assim foi. :)

## GEORGIA O'KEEFFE (ESTADOS UNIDOS)<sup>11</sup>

22 DE DEZEMBRO DE 2022



Fig. 4 e 5. Imagens do acervo pessoal

Nosso projeto apresentou diversas mulheres artistas, com o intuito de ampliar o repertório artístico e mostrar que muitas delas marcaram a história, embora pouco conhecidas.

22 DE MARÇO DE 2023

Hoje fizemos repeteco da oficina de arte: brincando de *Georgia O'Keeffe* com aquarela.

A turma percorreu o quintal procurando flores e recebeu o convite de observar cada detalhe delas, como as diferentes cores, formatos, ângulos...

---

11 Para conhecer a artista GEORGIA O'KEEFFE: <https://collections.okeeffemuseum.org/>



Fig. 6 e 7. Imagens do acervo pessoal.

Teve quem ocupou todo o papel e pintou todas as flores. Teve quem fez uma flor por folha. Teve quem se preocupou com o fundo, teve quem experimentou combinações de cores para traduzir sua observação. A pintura é uma tradução do olhar. Também pode ser da imaginação.

Georgia O'Keeffe é uma das pintoras mais reconhecidas nos EUA e mãe do modernismo americano. Apaixonada por detalhes desde pequena, recebeu incentivo da família para estudar Artes, e na agitada NY, propôs um convite ao interior das flores. Se sentir dentro delas, já que na pressa, ninguém olha para as miudezas do asfalto.

### **TARSILA DO AMARAL (BRASIL)<sup>12</sup>** **31 DE AGOSTO DE 2022**

Hoje brincamos de Tarsila do Amaral na oficina de arte. Conhecemos um pouco da vida da artista brasileira. Contamos a narrativa do livro "Tarsilinha e as formas" e observamos suas obras e o uso de figuras geométricas nelas.

Ao final, a turminha foi convidada a compor imagens com formas de papel colorido, experimentando o desafio de fazer quadrados, círculos e triângulos virarem casas, gatinhos e paisagens.



12 Para conhecer a artista TARSILA DO AMARAL: <https://tarsiladoamaral.com.br/>



Fig. 8, 9, 10, 11, 12, 13. Imagens do acervo pessoal

## YAYOI KUSAMA (JAPÃO)<sup>13</sup>

### 26 DE JULHO DE 2022

A japonesa Yayoi Kusama sonhava em ser artista, mas a família desejava que ela se casasse e se tornasse mãe. Isolada, escreveu para Georgia O'Keeffe que a elogiou e aconselhou a não desistir.

Pintando abóboras desde criança, por viver em uma área rural do Japão, Kusama cresceu e se mudou para NY. Ainda jovem passou a ter alucinações (esquizofrenia) e tinha obsessão por padrões, especialmente bolinhas.

Ela foi tão persistente, que aos poucos começou a ser conhecida como a “Princesa das bolinhas”. E no começo da carreira teve suas ideias copiadas pelo icônico Andy Warhol, sem receber os devidos créditos. Sua arte se expandiu para esculturas, instalações, vídeos, roupas. Vale a pena incorporar essa artista no nosso repertório e encantar as crianças com suas criações.

---

13 Para conhecer a artista YAYOI KUSAMA: <http://www.yayoi-kusama.jp/>

27 DE JULHO DE 2022



Fig.14, 15. Imagens do acervo pessoal

Hoje nos inspiramos na “princesa das bolinhas”, a artista japonesa Yayoi Kusama para preencher abóboras e flores, sua paixão, além dos desenhos livres. Colar bolinhas ou preencher contornos exigiu paciência e delicadeza. Foi um jeito diferente de acessar a arte e nosso varal esbanjou diversidade e singularidades de olhares.



Fig. 16. Imagens do acervo pessoal

Mesmo convite, mesmo material e trabalhos tão diferentes.  
Infância & Arte = ❤️

**FRIDA KAHLO (MÉXICO)<sup>14</sup>****27 DE ABRIL DE 2022**

Hoje contamos um pouquinho sobre a história da Frida Kahlo, embora todas as crianças já conhecessem seu nome, soubessem que ela era do México, e contassem do acidente que ela sofreu.

Também contaram que ela pintava coisas que sentia, e quando mostramos algumas telas dela, cada criança escolheu a que gostou mais. Com diferentes materiais, espelhos, folhas e elementos naturais disponíveis, as crianças criaram seus auto-retratos, assim como Frida criava os seus, por estar acidentada na cama, na sua juventude.



Fig. 17, 18. Imagens do acervo pessoal

Teve quem colou natureza prensada para compor sua criação; teve quem deixou o fundo neutro; teve quem desenhou seus bichinhos de estimação (como Frida fazia); teve quem usou folhas colhidas do jardim como molde.

Teve cores, papos, risadinhas e brincadeira no final.

Assim aos pouquinhos, a gente vai apresentando mulheres artistas da história, e as crianças vão experimentando diferentes maneiras de entrar em contato com a arte.

Seja na Casa Azul da Frida ou na nossa Casa Azul, a arte tem um lugar precioso!

**ELI HEIL (BRASIL)<sup>15</sup>****13 DE ABRIL DE 2022**

E se a gente misturasse Páscoa, culinária, arte e bagunça?

A oficina de hoje apresentou um pouquinho da artista catarinense Eli Heil, que pintava telas e ovos com cores vibrantes.

E ovo pintado lembra Páscoa, que para cada família tem um significado diferente. Chocolate, coelho, caça aos ovos, alegria. Para as crianças é um pouco de tudo isso.

14 Para conhecer a artista FRIDA KAHLO: <https://www.fridakahlo.org/>

15 Para conhecer a artista ELI HEIL: <https://eliheil.org.br/>



Fig. 19. Imagens do acervo pessoal

Elas usaram pincel, dedos e mãos para colorir casquinhas de ovos, depois enfeitaram suas cestinhas e rechearam com amendoim doce e gotas de chocolate.



Fig. 20. Imagens do acervo pessoal

## SHAMSIA HASSANI (AFEGANISTÃO)<sup>16</sup>

Art changes people's minds and people change the world<sup>17</sup>.

(Shamsia Hassani)

**10 DE MAIO DE 2023**

Como brincar de graffiti com as crianças?

A ideia de uma oficina de graffiti veio primeiro das referências @banksy e @shamsiahassani que utilizam essa técnica e linguagem para provocar o pensar.

Shamsia é uma artista grafiteira afegã, além de professora de arte, e diz que aprendeu a grafitar rápido porque não poderia ser pega na rua. Mulheres afegãs tem a liberdade constantemente ameaçada. E as obras de Shamsia refletem o interior amoroso, dolorido e esperançoso de uma mulher muçulmana.

<sup>16</sup> Para conhecer a artista SHAMSIA HASSANI: <https://www.shamsiahassani.net/>

<sup>17</sup> Minha tradução: A arte muda a mente das pessoas e pessoas mudam o mundo.

Já Banksy, que pouco sabemos de quem se trata, escolheu a discrição, para que sua arte falasse, tecendo diversas críticas sociais com suas imagens.

Como trazer para as crianças essa técnica, com leveza e segurança?

Testamos a tinta spray de cabelo, que deu um efeito muito similar ao spray do graffiti. Experimentamos os traços livres e o estêncil coletivamente.

As artes visuais precisam sair do papel nas aulas práticas, por isso experimentamos diferentes materiais, tintas, técnicas e linguagens.

A ideia é apresentar obras dos artistas que as crianças possam estabelecer uma conexão inicial e depois organizadamente, brincar de grafitar uma parede privada escolhida. A tinta de cabelo sai com maior facilidade que um spray profissional.

Se a criança puder vivenciar essa experiência para se atentar um pouco mais aos graffitis e pixos das ruas, estará se conectando com a arte urbana que a cerca. E é só o começo do desenvolvimento crítico e artístico.

## 17 DE MAIO DE 2023

*A Casa Azul ganhou uma parede toda grafitada pelas crianças.*



Fig. 21. Imagens do acervo pessoal

Conhecemos a história do graffiti e alguns artistas de referência na cidade, no país e no mundo: @banksy @shamsiahassani @gugie.art @kobrastreetart @basquiatkingpleasure  
Na colheita da turma, as crianças contaram que vêem os graffitis no caminho da



escola; que sem autorização são considerados ilegais; que são uma forma de expressão e reconheceram os múltiplos camaleões do artista Dardodorizo pelas ruas da cidade.

Depois de uma longa conversa, falamos da importância da assinatura e do uso do spray. Todas rascunharam assinaturas, usando iniciais, siglas, apelidos ou símbolos.

Testamos grafitar as assinaturas, usamos estêncil e depois criação livre.



Fig. 22. Imagens do acervo pessoal

Naturalmente, por fazerem perguntas sobre as obras de Banksy e Shamsia, que provocam os contextos de guerra, elas começaram a grafitar palavras politizadas como “não guerra”; “paz” e riscar armas ou a palavra guerra.

A graça das grafias incorretas (guera; pas) revelam crianças em processo de alfabetização, mas cientes do presente que desejam para si.

Foi uma experiência incrível. E terminamos pintando os cabelos com a tinta spray atóxica e feita para isso.

Na caixa de som, ouvimos raps da Dmosoffia que canta canções como “Brincadeira de menina”; “Barbie Black” e “Menina pretinha”, assim como “passarinhos” do Demicida.

Que os olhinhos fiquem atentos à arte de rua, ao museu que podem ser as paredes da cidade, revelando artes e artistas que provocam o nosso pensar. ❤️

## Alguns fins são novos começos

“A imaginação da criança é um modo de ver além ou de entrever, que intensifica a experiência de olhar e vice-versa. Como todos os sentidos podem despertar a emoção imaginativa, poderíamos também falar da imaginação como um modo de sentir além. As vivências imaginativas na infância têm um papel crucial no seu desenvolvimento estético, afetivo e cognitivo.” (Gilka Girardello)<sup>18</sup>

Se as vivências imaginativas e criativas da criança são cruciais para seu desenvolvimento estético, afetivo e cognitivo, como afirma Gilka Girardello acima, não podemos deixar de ofertar experiências e repertórios variados com a presença

---

18 GIRARDELLO, Gilka. **Imaginação: arte e ciência na infância. Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 75-92, maio/ago. 2011

da diversidade humana. Se há tantas artistas mulheres, mas pouco disseminadas, precisamos empregar um esforço para que elas façam parte da formação das crianças, para que cresçam num contexto de equidade e igualdade. Meninas precisam de referências, e mulheres também.

Estas foram algumas artistas que nos inspiraram em experimentações que ainda estão abertas aos ajustes, aprofundamentos e desdobramentos que forem necessários.

Precisamos de mais textos, livros infantis, materiais didáticos e partilhas com registros pedagógicos para compreender como captar a essência de uma artista e traduzir em vivências que proporcionem ampliação de repertório para crianças, assim como experiências artísticas que as mobilizem a se expressar, se identificar, e se sentirem protagonistas de suas criações.

Nossa intenção foi ofertar circunstâncias de aprendizagem, com diferentes materiais, diferentes referências, obras variadas, e estratégias possíveis para ajudarmos as crianças a traduzirem a sua imaginação no tempo e espaço que tínhamos disponíveis.

Esperamos que nossa partilha ressoe e possamos conhecer outras formas de iniciação artística com crianças que incluam mulheres artistas também.

## Referências

BARBOSA, Ana Mae. AMARAL, Vitória. (orgs). **Mulheres não devem ficar em silêncio: arte, design, educação.** São Paulo: Cortez, 2019.

BERGALA, Alain. **A hipótese cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola.** Tradução de Mônica Costa Netto e Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink; Cinead/LISEFE/UFRJ, 2008.

FAVILLI, Elena; CAVALLO, Francesca. **Histórias de ninar para meninas rebeldes,** vol. 1-3. Tradução por Carla Bitelli, Flavia Yacubian e Ze Oliboni. Cotia, SP: VR, 2017.

GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-Posições,** Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 75-92, maio/ago. 2011

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** Tradução: Ana Luiza Libâneo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da Liberdade.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens.** Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

SILVA, Alessandra Collaço da. **Arte, mídia e cinema na escola: um ensinar que (me) ensina!** 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

TERRA, Monica. **As mais pequenas coisas:** a exploração como experiência educativa. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

**Submissão:** 22/11/2023

**Aprovação:** 18/02/2024